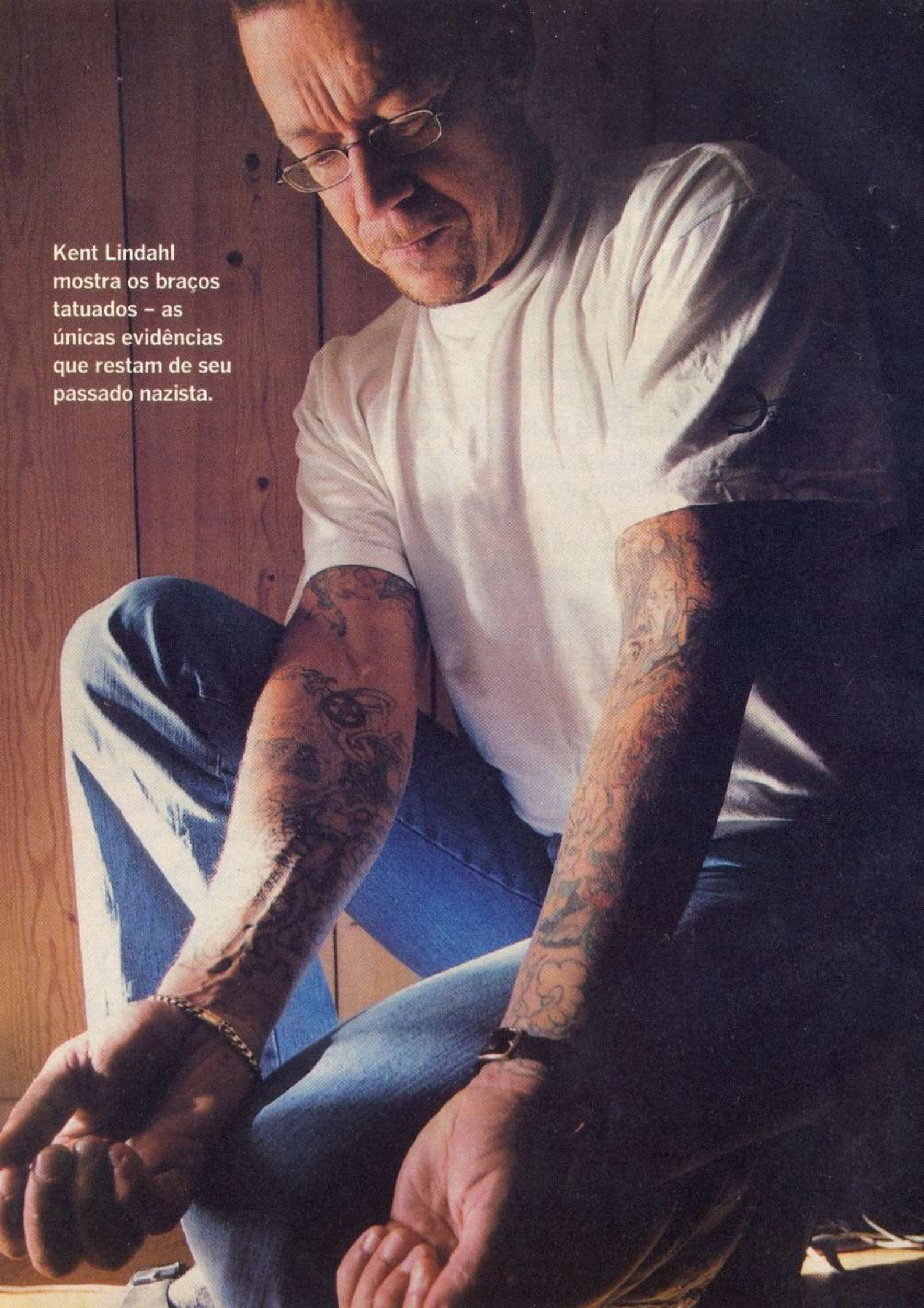


Kent Lindahl
mostra os braços
tatuados – as
únicas evidências
que restam de seu
passado nazista.



Saída para o ÓDIO

POR PER OLA E EMILY D'AULAIRE

**Na Suécia,
um "careca"
arrependido
ajuda os
jovens a
deixar de
uma vez o
neonazismo**

– Preciso de ajuda – implorava o jovem ao telefone. – Eles vão me matar se eu sair.

Kent Lindahl pegou uma caneta e um caderno.

– Onde você está? – perguntou.

Jimie Buchner contou que estava em Örebro, 150 quilômetros a oeste da capital sueca, Estocolmo. Sem pressionar, Lindahl incentivou o jovem de 18 anos a contar sua história.

Um relato que Lindahl, líder de uma instituição social pouco comum, já ouvira diversas vezes.

Buchner explicou que na escola não tinha amigos e havia sido frequentemente ameaçado e espancado por imigrantes de pele escura. Crescera odiando-os. Então se juntou à Frente Socialista Sueca (NSF), grupo de supremacia branca.

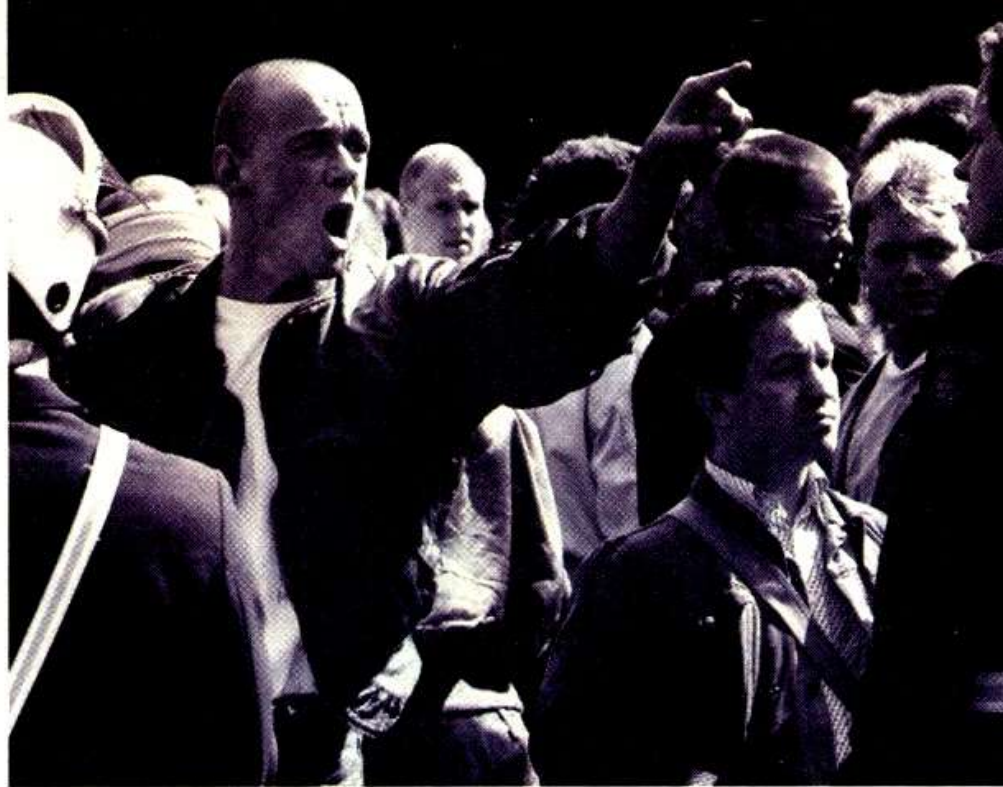
Então os torturadores de Buchner o deixaram em paz. Mas seus protetores também eram violentos – e ele foi sugado por seus métodos.

Acabou numa delegacia de polícia depois de espancar um imigrante no banheiro de um McDonald's. Para ele, era o bastante: Buchner queria sair – mas seus companheiros da NSF o chamavam de traidor.

“O que eu faço?”, perguntou Buchner naquele dia de março de 2002. Em resposta, Lindahl levou-o para um “abrigo”, um apartamento em Estocolmo.

Kent Lindahl, 40 anos, um homem ponderado, de fala mansa, é o fundador da Exit, instituição com sede em Estocolmo que já ajudou mais de 200 jovens suecos a abandonar o neonazismo, os *skinheads* (conhecidos no Brasil como carecas) e outros grupos de supremacia branca, e recomençar suas vidas.

Não é tão fácil quanto parece, diz Lindahl, porque o medo de uma re-



taliação é muito grande. Grupos que cultivam o ódio não gostam quando seus membros se desligam. “Temem que o desertor procure a polícia.”

Lena Walter-Lax, assistente social do governo sueco, é uma das muitas pessoas que respeitam o trabalho de Lindahl. “Por causa de seu passado”, diz ela, “os garotos o escutam – o que nós não conseguimos.”

O passado de Lindahl é extraordinário, pois ele mesmo foi um homem violento e racista.

“Eu fui fisgado”

Crescendo em Årsta, subúrbio proletário de Estocolmo, Lindahl devorava livros sobre Hitler e a Alemanha nazista. “Eu amava a ordem e a disciplina deles.”

Jovem solitário, Lindahl era atormentado no colégio e ignorado em casa por um pai alcoólatra e uma mãe ausente. Largou a escola aos 15 anos e serviu um ano no Exército sueco.



Lindahl em seus dias de neonazista (à esquerda), e com os filhos hoje.

ficado quando sua mãe foi internada com câncer, em 1989. “Eu tinha permissão para visitá-la aos domingos acompanhado por um policial; no entanto, mãe não queria que eu fosse porque os parentes estavam lá e ela sentia vergonha de mim.” Pouco depois ela morreu.

Esse fato marcou Lindahl profundamente, mas não foi suficiente para afastá-lo da violência. Um

A vida militar reforçou seu amor pela ordem e pela disciplina. E também o tornou física e mentalmente agressivo. Quando deixou o Exército, conheceu um grupo de *skinheads* e encontrou o que procurava: companheirismo. “Naquele momento”, diz Lindahl, “eu fui fisgado.”

Sua vida passou a ser dedicada à bebida e às brigas. “Os *skinheads* odiavam quem quer que não fosse um deles”, conta Lindahl. “E tudo que eu queria era fazer parte do grupo.”

Então ele se juntou ao Partido do Reich Nórdico (NRP), grupo de extrema direita. “Seus membros eram politicamente organizados e voltavam seu ódio para judeus, negros e imigrantes não-nórdicos. Dada minha antiga fascinação por Hitler e pela Alemanha nazista, foi fácil aceitar seus pontos de vista.”

Lindahl foi preso por roubo quali-

dia, depois de ter saído da prisão, ele e alguns amigos agarraram um imigrante do Oriente Médio de 25 anos que esperava o metrô. “Dois de nós seguraram seus braços e outros dois chutaram-lhe a cabeça até que ele parou de gritar e caiu inconsciente.”

Então, em setembro de 1993, depois de dois dias consumindo álcool, anfetaminas e cocaína, Lindahl acordou com uma dor de cabeça atroz e se deu conta de que tudo que tinha era o equivalente a menos de 200 reais. “Faltavam dois meses para o meu 30º aniversário e perguntei a mim mesmo o que eu havia conseguido. Fiz uma lista: de um lado, aquilo de que eu poderia me orgulhar; do outro, aquilo de que não poderia. O lado do orgulho ficou em branco.”

Jovens confusos

Lindahl decidiu viver uma vida decente, resolução que levaria vários anos e várias recaídas antes de

ser concretizada. Mas, por volta de 1996, havia deixado para trás o racismo, a violência e as drogas.

Ele foi procurado por Anders Carlberg, diretor do Fryshuset, centro social e educacional patrocinado pela Associação Cristã de Moços em Estocolmo. Carlberg já trabalhara com *skinheads*, e Lindahl era um rosto familiar. Ele estaria disposto a falar sobre seu passado em colégios e organizações, tornando-se um exemplo de como alguém pode mudar de vida?

Lindahl recusou-se; o passado era doloroso demais. Três meses depois, Carlberg repetiu o convite, e dessa vez Lindahl aceitou.

Durante uma palestra na Noruega, um grupo chamado Exit Norway (já extinto) perguntou-lhe se gostaria de dar início a um programa similar na Suécia. Lindahl concordou e, em 1998, depois de árduas negociações, o governo sueco fundou a Exit. Um ano mais tarde, após neonazistas assassinarem brutalmente dois policiais e um dirigente do sindicato dos trabalhadores, o governo decidiu-se a manter a Exit em funcionamento.

Em 2000, três outros ex-neonazistas juntaram-se a Lindahl. Atualmente, o quadro de funcionários conta com seis empregados em tempo integral e um em meio expediente.

Lindahl e sua equipe promovem palestras em escolas e centros comunitários. Organizam seminários de treinamento para quem trabalha com jovens “de risco” e publicaram um li-

vreto de advertência aos pais sobre os sinais de racismo que devem procurar nos filhos e o que fazer se os encontrarem. Chegaram até a ensinar a recrutas da Academia de Polícia os símbolos, códigos e palavras especiais do movimento nazista.

Embora números exatos não sejam conhecidos em razão da natureza clandestina dos grupos, Lindahl calcula que existam mais de 800 neonazistas ativos na Suécia. Acredita também que milhares de potenciais integrantes podem se tornar ativos a qualquer momento.

A situação é semelhante em outros países, de acordo com a Comissão Européia contra o Racismo e a Intolerância. Ainda que os números referentes aos neonazistas não sejam imensos, o problema está sendo levado a sério em países como Alemanha, Áustria e França.

“De olhos abertos”

Grupos racistas encontram seus recrutas sobretudo entre jovens academicamente malsucedidos oriundos da classe trabalhadora, esclarece Charles Westin, professor da Universidade de Estocolmo. “Os nazistas conseguem convencer esses jovens confusos de que os imigrantes roubam seus empregos e recebem apoio social à custa dos suecos.”

Um dos atrativos é o companheirismo que grupos racistas oferecem a indivíduos solitários e alienados. “Não se pode abrir mão de algo sem substituí-lo por algo novo”, diz Gö-

ran Johansson, membro da equipe da Exit. Como substituto, a Exit organiza “atividades de fim de semana”, nas quais os jovens praticam esportes e interação de forma saudável.

Entretanto, a agência não pratica as assim chamadas “técnicas de desprogramação”. “Aqueles que entram em contato com a Exit já querem sair”, afirma Lindahl. “Só precisam de ajuda para conseguir.”

Daniel Lindberg é um exemplo. Com a cabeça rapada, botas pretas, jaqueta de couro e tatuagens nazistas, era um orgulhoso membro do Blood and Honour (Sangue e Honra), grupo que se autoproclamava “executor da Supremacia Branca”. Então, também ele se cansou da violência e do ódio.

Em 1999, entrou em contato com a Exit, que o ajudou a mudar-se de Mora, duas horas a noroeste de Estocolmo. Quase dois anos depois, Lindberg, então com 24 anos, trabalhava como segurança de um time de futebol quando seis integrantes do Blood and Honour o reconheceram. Usando barras de ferro e bastões de beisebol, eles o espancaram. Lindberg ficou em coma por 13 dias e passou cinco meses no hospital.

“Agora vivo de olhos abertos”,

conta ele. “Talvez algum dia meu medo vá embora, mas não sei.”

Hoje Kent Lindahl é pai de dois filhos e estuda psicoterapia. Ainda assim, fragmentos de seu passado sempre irão assombrá-lo.

Com olhos inteligentes, barba cuidadosamente aparada e óculos de armação de metal, Lindahl parece um professor – até que arregança as mangas da camisa. Cada centímetro de seus braços musculosos é coberto de tatuagens.

Quando o filho Gustav, 8 anos, e a filha Gwendolline, 5, ficarem mais velhos, ele lhes contará a respeito de sua antiga vida. Alguns detalhes, no entanto, nunca poderá revelar.

E Jimie Buchner, o jovem de Örebro que procurou Lindahl? Depois de mudar-se para Estocolmo, a Exit conseguiu-lhe um emprego como assistente de carpinteiro.

Buchner costumava voltar à sua cidade para visitar a família, até que viu alguém de seu antigo grupo. “Fiquei apavorado”, conta ele. “Vesti rapidamente o capuz da jaqueta e fugi.”

E nunca mais voltou em casa. “Se não fosse pela Exit”, afirma Buchner, “eu ainda estaria naquela vida. Agora tenho uma segunda chance.”



MAIS DIVERSIFICADO

Nosso neto de 12 anos, Scott, chegou em casa com média 85 no boletim, e os pais começaram a paparicá-lo. O irmão mais velho, Ryan, resmungou:

– Não sei por que tanta animação com os As dele. Eu tirei todas as outras letras.

MAGDALINE WINTEMUTE, Canadá